

Neofascismo como objeto de estudo: contribuições e caminhos para elucidar este fenômeno

Neofascism as an object of study: contributions and ways to elucidate this phenomenon

Leonardo Carnut¹

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar os/as pesquisadores/as brasileiros/as que estão tomando o ‘neofascismo’ como objeto de estudo, analisando em que disciplinas ancoram suas análises e quais contribuições eles têm feito para apontar caminhos na elucidação deste fenômeno. Logo, foi realizado um mapeamento, de abordagem qualitativa, descritivo-exploratória sobre o tema ‘neofascismo’ no Currículo Lattes de pesquisadores doutores que se dedicam sobre o tema no Brasil. Usou-se a palavra-chave ‘neofascismo’ no campo principal da ‘busca simples’, cujo modo de busca utilizado foi ‘assunto (título ou palavra-chave na produção)’. Identificou-se que, dos 100% (21) dos pesquisadores encontrados, 71,5% (15) são homens, e, dos 100% (108) das citações do termo ‘neofascismo’, 34,5% (37) concentram-se em uma única pesquisadora. A área de História Geral ou Especializada é a principal disciplina de ancoragem. As produções científicas sobre o neofascismo puderam ser divididas em quatro blocos: “os trabalhos que procuram uma delimitação da categoria neofascismo”; “os que historicizam o uso da categoria neofascismo”; “os que aplicam o neofascismo a uma conjuntura doméstica” e “os que identificam/descrevem grupos e práticas neofascistizantes”. Por fim, são delimitadas as diferenças entre as ‘práticas conservadoras’ das ‘práticas neofascistizantes’ e são identificadas algumas características da retórica neofascista.

Palavras-chave: Fascismo. Estado. Política. História. Pesquisadores.

Abstract

This study aims to identify Brazilian researchers who are taking neo-fascism as their object of study, analyzing in which disciplines they anchor their analysis and what contributions they have made to point out ways in elucidating this phenomenon. Therefore, a qualitative, descriptive and exploratory mapping of the theme ‘neo-fascism’ was performed in the Lattes Curriculum of PhD researchers dedicated to the subject in Brazil. The keyword ‘neofascismo’ was used in the main field of ‘simple search’, whose search mode was ‘subject (title or keyword in production)’. It was identified that, 100% (21) of the total researchers found, 71.5% (15) are men, and, 100% (108) of the total ‘neo-fascism’ citations, 34.5% (37) are concentrated in a single researcher. The General or

¹ Pós-doutorado em Saúde Pública (Ciências Sociais e Humanas em Saúde) pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP), São Paulo, Brasil. Doutorado em Saúde Pública (Política, Gestão e Saúde) pela FSP-USP. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil. E-mail: leonardo.carnut@gmail.com

Specialized History area is the main anchoring discipline. The scientific productions on neo-fascism could be divided into four blocks: “works that seek a delimitation of the neo-fascism category”; “Those who historicize the use of the neo-fascism category”; “Those who apply neo-fascism to a domestic conjuncture” and “those who identify / describe neo-fascist groups and practices”. Finally, the differences between ‘conservative practices’ and ‘neo-fascist practices’ are delimited, and some characteristics of neo-fascist rhetoric.

Keywords: Fascism. State. Politics. History. Researchers.

Introdução

Em tempos de crise do modo de produção capitalista no mundo (ROBERTS, 2016), assiste-se uma escalada de um ‘novo tipo’ de fascismo (e com suas repercussões na cena política e cultural). Como fenômeno social, o neofascismo se remete às origens do fascismo na Europa como uma política de extrema-direita vivenciada no período entreguerras. O fascismo, naquela época, e, enquanto forma-política, ainda é objeto de diversas divergências (BRAY, 2019; GRIFFIN, 2018; KONDER, 2009; PAXTON, 2005; POULANTZAS, 1978; SACCOMANI, 2016), contudo, se as interpretações que visam examinar o fascismo não estão alinhadas à totalidade do movimento da produção sócio-histórica da humanidade, dão margens a relativizações que reforçam representações como se fascismo e comunismo tivessem a mesma essência na história. De certo, sem negar os equívocos do socialismo real soviético nem, contudo, minorar os acontecimentos sociais que impulsionaram o fascismo, é essencial partir do materialismo histórico-dialético para uma análise do fenômeno como produto deste modo de produção.

Assim sendo, para compreender o neofascismo atual, é necessário partir de uma definição do fascismo entreguerras (ou histórico). Na análise marxista, o fascismo é considerado uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo contemporâneo, que procura se estabelecer nas condições de implantação de um capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração de capital. É um movimento político social de conteúdo conservador que se disfarça

sobre uma máscara ‘modernizadora’, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório (KONDER, 2009).

Partindo-se desta evidência histórica, é necessário compreender os limites do que não é fascismo, a ponto de se perder o horizonte analítico rigoroso. O fascismo não pode ser generalizado para quaisquer direitas, mesmo aquelas mais extremadas, já que uma conjunção de acontecimentos sócio-históricos precisa se amalgamar para constituição de forças fascistas no aparelho de Estado. Além disso, regimes ditatoriais não são necessariamente fascistas, pois requerem em última instância, um elemento de ‘mobilização popular típica do fascismo’ (CARNEIRO, 2018; SPAGNOLO, 2017), sem a qual o fascismo enquanto forma-política não pode ser caracterizado. O papel que joga as massas no apoio e disseminação da ideologia fascista é essencial para entender o conceito em sua expressão sociopolítica na sociedade civil.

Mesmo estando restrito (em seu formato típico) a um período sócio-histórico específico (entreguerras), diversos analistas no mundo vêm demonstrando que, aquilo que se vive hoje, trata-se da ascensão de um ‘tipo fascista’ no seio social. Em que pese a diversidade de epistemologias que se dedicam à análise do renascimento fascista na Europa (TOMIC, 2013; WOLFF, 2019), parece haver uma sintonia na compreensão do fascismo sobrevivente da experiência histórica no continente e que se reaviva no cenário de hoje depois de um longo período de dispersão na centralidade europeia (GRIFFIN, 2012; KALLIS, 2015).

No Brasil isto não é diferente. Diversos analistas filiados a diferentes matrizes do pensamento político como a marxista (BOITO JÚNIOR, 2019; BRITO; SOUSA; SILVA, 2019; CALIL, 2018; DEMIER, 2018; FONTES, 2019; MATTOS, 2019; MELO, 2017; PEREIRA, 2018; SCARTEZINI, 2016; SCHLESENER; MEZAROBBA; ALMEIDA, 2019; SEMERARO, 2019), a socialdemocrata (BARRETO LIMA, 2020; DIAS; DELUCHEY, 2016; GENTILI, 2018; DORNELLES, 2017; GENTILE, 2014; GOUVEA, 2018; MARTINEZ, 2020; MORAES, 2018; VIANNA, 2018), psicopolítica ou psicanalítica (CECCON; MENEGHEL, 2019; COCCO, 2019; LEMOS; REIS JÚNIOR, 2016; VANDERLEY, 2017), dentre outras (AGUIAR, 2018; FONSECA; NEBOT, 2019; GALEÃO-SILVA, 2016; REBUÁ, 2019; SILVA; PIRES; PEREIRA, 2018) convergem ao caracterizar o cenário vivenciado no Brasil aos moldes do fascismo, contudo com suas particularidades próprias do tempo histórico do capitalismo neoliberal em uma formação social dependente. Isto denota que a construção social do fascismo, desde o Brasil pós-1945, apresenta traços novos, que vai construindo sua organicidade e amadurecendo como uma nova forma de fascismo.

Assim, o neofascismo, enquanto categoria analítica é uma controvérsia em si mesma. Pode-se dizer, portanto, que como em todos os outros aspectos do fascismo, é discutível a questão e a própria existência de um 'neofascismo' como está sendo apresentado aqui. Contudo sustentamos a tese de que o fascismo vivido atualmente apresenta formas inovadoras que justificam revisitá-lo com o prefixo 'neo' (assim como no 'neo'-liberalismo). Ora, não se trata de negar que o neofascismo não tenha fundamento na complexa construção do fascismo enquanto forma-política descrita por Konder (2009), mas de reconhecer que o fenômeno fascista apresenta outras características, elementos 'a mais', remodelações, readaptações, que exacerbam a complexidade deste fenômeno a partir da decadência do capitalismo em tempos neoliberais. Tampouco se trata de 'biologizar' os fenômenos sócio-históricos com termos evolucionistas do

tipo: 'nascimento', 'amadurecimento', 'morte' do fascismo, já que a linguagem acadêmica tende a se valer deste artifício do discurso para delinear a dinâmica dos fenômenos.

Por essas razões, concordamos com Griffin (2018) quando este autor justifica que o prefixo 'neo' ajuda mais a entender esta nova fase do fascismo (pós-guerra até os dias atuais), do que caracterizá-lo como outro fenômeno completamente distinto do fascismo histórico. Para este autor, as razões do 'neo' residem em não considerar o neofascismo como uma espécie de epílogo da história principal, que pode produzir algumas reflexões gerais interessantes sobre o fracasso do fascismo em prosperar depois de 1945. Ainda é 'neo' por não ser uma mera 'nota de rodapé' das consequências do fascismo entreguerras e sobreviver como uma forma-política que perdura ao longo do tempo na sociedade civil através de valores, ações e organizações. Por fim, o 'neo' ajuda a iluminar os elos estruturais que podem existir entre a 'guerra ao ocidente' do islamismo político com conclusões importantes sobre as razões do terrorismo e da extrema politização e secularização do uso da religião.

Por fim, Griffin (2018) ainda esclarece que o neofascismo apresenta expressões diferentes do fascismo histórico por se caracterizar em formas de organização política que sucessivamente tem falhado em se constituírem como força populista revolucionária ou em partidos políticos claramente fascistas no pós-guerra. Contudo, o neofascismo tem logrado êxito em outras frentes de ação como na internacionalização de seu alcance no pós-guerra, na construção de um ambiente cúltico do neofascismo grupal (através de organizações neofascistas), pelo uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação (ciberfascismo), na edificação de um 'neofascismo cultural' (metapolitização) e na criação de uma escola própria de história moderna (revisão histórica). Do ponto de vista da ação concreta, os neofascistas têm usado o terrorismo como principal forma de ação política e reconhecem que estão com dificuldades de se 'fazer' no presente, mas estão determinados em 'fazer' a história.

A categoria ‘neofascismo’ (BULL, 2012), especialmente no contexto latino-americano, vem gerando diversas reflexões na comunidade acadêmica sobre o assunto. Em que pese que a tradição fascista tenha se originado na Europa, diversos grupos fascistas, ainda no período entreguerras, tomaram assento na América Latina (ALMEIDA, 2012) e, especificamente, no Brasil (MELO, 2019). A preocupação reside no reaparecimento do fascismo (sob o rótulo neofascista) e como ele se apresenta enquanto fenômeno no âmbito brasileiro. Assim, os pesquisadores estão tentando compreender como o ‘neofascismo’ se constitui no tecido social (CARNEIRO, 2018; KROES, 2017) assim como as alternativas para o exercício do diálogo (TIBURI, 2015) com os diferentes grupos sociais visando à adesão à luta pelos direitos sociais e humanos. Essa categoria precisa ser compreendida melhor e analisada enquanto fenômeno social emergente, haja vista como este fenômeno vem se apresentando enquanto acontecimento internacionalmente e, em suas especificidades, no caso do Brasil recente.

Assim, do ponto de vista político-estratégico, elucidar o neofascismo no Brasil ajudaria a informar coletivos organizados, institucionalizados ou não (POSTONE, 2015) a traçarem táticas de enfrentamento (HARNECKER, 2012). No Brasil, com ascensão do conservadorismo e com a eleição de um candidato que representa esse recrudescer, o debate tem residido nas dúvidas sobre o que está se delineando enquanto fenômeno social propriamente brasileiro. Logo, é prudente perguntar: como o neofascismo se caracteriza enquanto fenômeno social contemporâneo na perspectiva dos autores brasileiros? Até onde se pode considerar que se trata apenas do ‘conservadorismo’ e em que circunstâncias pode se dizer que há ‘neofascismo’?

É possível descrever os elementos neofascistizantes no Brasil contemporâneo?

A partir de uma análise marxista do tema, considera-se que mesmo limitada, a democracia burguesa² ainda permite, sob intensa luta política, o avanço na concessão³ de alguns direitos sociais e é neste sentido que, de acordo com o vivenciado no Brasil pós-golpe, deseja-se saber até que ponto os pesquisadores brasileiros estão tomando o ‘neofascismo’ como objeto de estudo, em que disciplinas ancoram suas análises e quais perguntas e contribuições eles têm feito para apontar caminhos na elucidação deste fenômeno respondendo, nem que seja minimamente, as perguntas ao lado e acima encetadas.

Caminho Metodológico

Para tanto, foi realizado um mapeamento, de abordagem qualitativa, descritivo-exploratória sobre o tema ‘neofascismo’ no Currículo Lattes de pesquisadores doutores que se dedicam ao estudo do tema no Brasil. Neste caminho, foi realizada uma busca na Plataforma Lattes – currículo eletrônico compulsório que todos os/as pesquisadores/as brasileiros/as devem ter preenchido e atualizado junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia – com a palavra-chave ‘neofascismo’ no campo principal da ‘busca simples’, cujo modo de busca utilizado foi ‘assunto (título ou palavra-chave na produção)’. Foi marcada a base de dados de ‘doutores’, de quaisquer nacionalidades (já que pesquisadores de outras nacionalidades poderiam pesquisar sobre o Brasil) (campo: ‘todos’). Não foi aplicado nenhum filtro neste campo específico da Plataforma.

Já que o tema ‘neofascismo’ é pouco estudado no Brasil e a pesquisa na área das ciências sociais e humanas demora um tempo considerável entre sua concepção e divulgação, optou-se pela

² Na tradição da historiografia marxiana, a democracia representativa que se vive hoje nasceu na revolução francesa. A burguesia foi verdadeiramente revolucionária pois conseguiu superar o *ancien régime* e impor sua forma de organização sociopolítica. Por este motivo a democracia representativa é dita burguesa nesta tradição (MARX, 2017).

³ Ainda, na tradição marxista, por considerar o direito como um elemento burguês de estruturação da ossatura do Estado para dominação política, em última instância os direitos são concedidos, mesmo que ‘arrancados’ pela classe trabalhadora sob intensa luta de classe (PACHUKANIS, 2017).

busca na base de dados do currículo Lattes no afã de recuperar a produção dos autores ainda mesmo antes de serem consolidadas em artigos científicos. É pertinente apontar que o currículo Lattes é obrigatório para pesquisadores brasileiros e o fomento à pesquisa no Brasil depende, além de diversos fatores, da atualização deste currículo pelos pesquisadores. Por esta razão, parece razoável considerar o uso deste banco de dados na tentativa de uma sintetização do conhecimento ainda em produção sobre o neofascismo. Além disso, ao optar pela recuperação dos estudos nesta base, é pertinente atentar que nem tudo que está no currículo dos pesquisadores-autores é de interesse a esta pesquisa, como orientações, ‘bancas/defesas’ dentre outras, só interessando, para este estudo as teses, dissertações, artigo, anais (e seus respectivos descritores) e traduções (todos com capacidade de recuperação *online*).

Apesar de este estudo ser uma primeira abordagem acerca do mapeamento do estudo do neofascismo no Brasil, é pertinente demonstrar suas limitações. Utilizar exclusivamente dados que dependem da atualização dos currículos Lattes por parte dos pesquisadores, e não avaliar outras obras produzidas pelos autores resgatados nesta busca constitui-se em um limite deste estudo. Dessa forma, compreende-se que estudos em outros bancos de dados podem ser feitos posteriormente no intuito de refinar a análise empreendida neste estudo. Contudo, mesmo sob o caráter exploratório deste estudo, torna-se possível sustentar as elaborações realizadas a partir da perspectiva de ‘contribuições’ e ‘caminhos’ para elucidar o fenômeno.

Outra limitação importante é considerar como ‘pesquisadores’ apenas aqueles que têm doutorado, haja vista que muitos pesquisadores que realizam investigações e publicam no campo das ciências sociais e humanas não têm esta titulação. Mesmo reconhecendo que do ponto de vista formal, pesquisadores cujo maior título é a graduação, especialização ou mestrado possuem os requisitos formativos suficientemente compatíveis para configurar o componente científico de

uma pesquisa, optou-se por considerar apenas os pesquisadores doutores por dois motivos: o primeiro relacionado com o tamanho da área das ciências sociais e humanas no Brasil, com cada vez mais adeptos, poderia aumentar substancialmente a quantidade de currículos para recuperação e análise; e o segundo baseia-se nos argumentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que reconhece como pesquisadores independentes, pelo menos do ponto de vista de captação de recursos, apenas os pesquisadores doutores.

Assim, após a identificação destes pesquisadores foi feita a extração dos seguintes dados: área de formação na graduação; área de formação no doutorado; principais áreas de atuação; o local do currículo no qual há o termo ‘neofascismo’; ‘o tipo de produção’ que mais dialoga com o objeto neofascismo e o ‘título’ desta produção. Todos estes dados foram tabulados em uma planilha Excel, os quais foram sistematizados.

Após isso, uma análise sobre este conteúdo da produção intelectual, através de uma explicitação dos excertos mais importantes para compreender o fenômeno neofascista são discutidos qualitativamente. Assim, pôde-se refletir sobre os caminhos em que esta produção vem emergindo na tentativa de explicitar o conteúdo sobre o objeto que ajude a elaborar as respostas às questões: como o neofascismo se caracteriza enquanto fenômeno social contemporâneo na perspectiva dos autores brasileiros? Até onde se pode considerar que se trata apenas do ‘conservadorismo’ e em que circunstâncias pode se dizer que há ‘neofascismo’? É possível descrever os elementos neofascistizantes no Brasil contemporâneo?

Resultados e Discussão

Os dados da produção sobre neofascismo identificados nos currículos dos pesquisadores podem ser vistos a seguir (Quadro 1). No que se refere ao sexo, do total 100% (21) dos pesquisadores, 71,5% (15) são homens. No que se refere ao número total de citações do termo

‘neofascismo’ 100% (108) no currículo dos pesquisadores, 34,5% (37) concentram-se em uma única pesquisadora.

No que se refere à formação dos pesquisadores, a maior parte deles possuem graduação em história e doutorado na área de história geral ou especializada. A área da História continua liderando a ‘área de atuação’ principal destes pesquisadores, o que guarda consonância com a formação inicial.

Sobre o principal local onde se encontra o termo ‘neofascismo’ no currículo Lattes dos pesquisadores, há uma miscelânea de locais de identificação. O local mais frequente se encontra nas orientações de trabalhos acadêmicos (tese, dissertações ou trabalhos de conclusão de curso).

Contudo, é importante ratificar que ao encontrar menções ao neofascismo em orientações realizadas pelos/as pesquisadores/as estes não foram considerados para análise, já que a autoria principal do trabalho estava reservada ao/a estudante sob orientação. Em que pese que o/a orientador/a, em alguns casos, pode compartilhar a coautoria do trabalho com seu/ua estudante, tomou-se neste estudo para análise (tese, dissertação, anais, artigo e tradução) por considerar que estas produções acadêmicas refletem a originalidade

intelectual dos/as autores/as. Claro que esta opção é decorrente do encontro com o dado, já que quaisquer critérios de inclusão definidos *a priori* poderia inviabilizar este estudo e, ainda, para que o estudo fosse exequível a escolha tinha que emergir do encontro do pesquisador diante do dado.

Faz-se mister ainda deixar evidente que, mesmo reconhecendo que a produção acadêmica em bases de dados como repositórios de teses e dissertações ou ainda bases como Scielo, Capes periódicos etc. devem ser as bases de dados de primeira escolha, elas não apresentavam, no momento da pesquisa, uma recuperação expressiva do termo ‘neofascismo’, além disso, permitia mais uma vez a extrapolação a pesquisadores não radicados no Brasil, o que certamente apresenta mais controle na recuperação realizada pelo currículo Lattes do que por estes outros bancos de dados. Por fim, como toda pesquisa exige tempo, o foco aqui dado era o mais compatível com a possibilidade de pesquisa que foi realizada.

Assim, ao focar apenas nos/as pesquisadores/as doutores/as recuperados no currículo Lattes, pode-se identificar os títulos dos materiais que apresentam conteúdos mais orientados ao neofascismo; os mesmos podem ser identificados no Quadro 1.

Quadro 1 - Pesquisadores, formação, área de atuação, número absoluto do termo ‘neofascismo’ e o material no qual surge. Currículo Lattes, março-2019.

Pesquisador	Número de vezes que o termo <i>neofascismo</i> aparece no currículo Lattes	Graduação	Doutorado	Área de atuação	Material onde surge o termo <i>neofascismo</i>	Título do Material
Tatiana Silva Poggi de Figueiredo	37	História	História	História	Tese	Faces do Extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010.
Fábio Chang de Almeida	13	História / Geografia	História	História	Dissertação	A Serpente na Rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina.
Odilon Caldeira-Neto	11	História	História	História	Descritor da tese	“Nosso nome é Enéas!”: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006).

Continua

Continuação

Dilton Cândido Santos Maynard	8	História	História	História	Artigo	História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente.
Natalia dos Reis Cruz	7	Ciências Sociais	História	Pesquisa Social	Tradução	Neofascismo e Decadência: o planeta burguês à deriva.
Jefferson Rodrigues Barbosa*	6	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Ciência Política	Anais Completos	Conflitos políticos na América do Sul: chauvinismo, neonazismo e neofascismo na atualidade e os movimentos antifascistas.
Fabio Gentile**	2	Letras Modernas	Filosofia e Política	História	Tese	Entre neofascismo e cesarismo: a direita em Nápoles no pós-guerra (1943-1958).
Carla Brandalise***	2	História	História Política	História	Orientação de mestrado	A Serpente na Rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina.
Cecília da Silva Azevedo****	2	História	História	História	Orientação de mestrado	Neofascismo em Cena: O avanço conservador norte-americano e o caso da National Alliance.
Henrique Soares Carneiro	2	Não informado	História Social	História	Participação em congresso e eventos	Balanco e perspectivas pós-eleição Debate Adusp. Comparações entre o fascismo e o neofascismo.
Leonardo Carnut****	2	Ciências Sociais / Odontologia	Saúde Pública	Saúde Coletiva	Demais produções técnicas	Professor convidado - Saúde, política, golpe e neofascismo - 7ª. Conferência Municipal de Saúde de Esperança - PB.
Rafael Pinheiro de Araujo****	2	História	História Comparada	História	Orientação de TCC	Fascismo e neofascismo na Europa. Analisando o discurso de Andres Breivik e o neofascismo.
Rinaldo Cesar Nascimento Leite****	2	História	História	História	Orientação de TCC	O neofascismo na “marchio della calce”: as manifestações das torcidas ultras da S.S. Lazio e A.S. Roma (1998-2012).
Rodrigo Medina Zagni****	2	História	História	História e Integração Latino-americana	Participação em congresso e eventos	Seminário: Os povos clamam por luta: o imperialismo e a luta de classes no século XXI. Direita e neofascismo na Alemanha.
Rubenilda Sodré dos Santos****	2	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Sociologia	Orientação de TCC	O Neofascismo xenofóbico italiano do século XXI: uma análise desde a primavera Árabe em 2010 até maio de 2015.

Continua

Continuação

Sidnei José Munhoz	2	História	História Econômica	História	Orientação de mestrado	Hate rock: instrumento político para os neofascismos do Brasil e dos Estados Unidos (1990-2010).
Sonia Regina de Mendonça***	2	História	História Econômica	História	Orientação de tese	Faces do Extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América, 1970-2010.
Leandro Pereira Gonçalves****	1	História	História	História	Capítulo de livro publicado	Novos caminhos? O neofascismo brasileiro e a redemocratização.
Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes	1	Filosofia	Filosofia	Ciência Política	Artigo	Neoliberalismo e neofascismo - és lo mesmo pero nos és igual?
Ricardo Figueiredo de Castro*****	1	História	História	História	Área de atuação	Grande área: Ciências Humanas / Área: História / Subárea: História do neofascismo.
Sergio Antonio Camara*	1	História	História Social da Cultura	História	Apresentação de trabalho	O neofascismo na Europa e na América.

*Trabalho em anais que não se encontra disponível na internet.

**Tese que não se encontra disponível em repositório institucional.

***São orientadores de trabalhos cujo autor principal já se encontra na lista acima.

****São outros trabalhos, vídeos ou áudios de difícil recuperação na internet.

*****Não apresenta trabalhos, apenas cita a área de interesse.

Fonte: Pesquisa direta

Apenas um currículo aponta o neofascismo apenas como área de atuação. No currículo deste pesquisador é possível perceber sua aproximação com o tema, entretanto, explicitamente, nada é evidenciado sobre o neofascismo como objeto de estudo de forma direta. Dentre os currículos que apresentam ainda uma aproximação ao tema mas não o tomam como objeto de estudo direto, encaixam-se os pesquisadores que apresentam o tema 'neofascismo' em uma aula, e, por fim um outro pesquisador no qual o termo aparece em 'demais produções técnicas'.

Conforme anteriormente explicitado, parece haver uma tentativa de autores de se aproximarem do tema, já que o mesmo ainda parece estar sendo apropriado pelos pesquisadores. Isso foi o caso de um pesquisador específico (Ricardo Figueiredo de Castro) que apresenta interesse pela área, conforme explicitado em seu currículo, contudo ainda não apresenta produção acadêmica sobre o

tema atualizado no currículo. Outro pesquisador (Fabio Gentile) apresenta o neofascismo como interesse de objeto de pesquisa, entretanto sua produção (uma tese) não se encontra disponível em repositório institucional, o que impediu a recuperação *online* deste material.

Os outros pesquisadores puderam ser agrupados por diferentes perfis que comprometem a captura do que eles estudam/compreendem sobre o neofascismo. O primeiro grupo de pesquisadores demonstram produções acadêmicas sobre o tema (Leonardo Carnut, Rafael Pinheiro de Araújo, Rinaldo Cesar Nascimento Leite, Rodrigo Medina Zagni, Rubenilda Sodrê dos Santos, Leandro Pereira Gonçalves) mas estão consolidados em materiais tais quais vídeos, áudios ou outros materiais de difícil recuperação/transcrição via internet (por não estarem disponíveis ou apresentarem incompatibilidades na recuperação *online*). O segundo grupo de pesquisadores são

professores que orientaram algum tipo de trabalho (TCC, Dissertação ou Tese) sobre o tema, mas que, *a priori*, o neofascismo não é o objeto de estudos destes pesquisadores (Carla Brandalise, Cecília da Silva Azevedo, Sonia Regina de Mendonça). Por fim, um terceiro grupo apresenta trabalhos sobre neofascismo em anais de congressos, contudo estes materiais não estão disponíveis em sítios eletrônicos (Jefferson Rodrigues Barbosa, Sergio Antônio Camara), portanto ficando fora da análise por incapacidade de recuperação *online* deste material.

Após a identificação destas limitações na recuperação da produção dos pesquisadores, foi possível identificar o grupo de oito pesquisadores cujos trabalhos acadêmicos estavam disponíveis em sítios eletrônicos e puderam ser lidos. Sobre a produção científica destes oito pesquisadores foi lido o trabalho que havia o termo ‘neofascismo’ no título ou como descritor. Quando havia mais de um trabalho, foi lido aquele com mais conteúdo sobre o objeto ‘neofascismo’, ou seja, aquele trabalho mais completo (como tese e/ou dissertação). Esta escolha se deu por considerar que a produção científica em formato de artigo limita a descrição do fenômeno e por vezes impele aos autores a fazerem escolhas difíceis sobre o que entra ou sai de um artigo. Em que pese que o/a pesquisador/a tem o intuito de acomodar-se às regras de publicação das revistas, por outro lado, o leitor perde conteúdo. Isto, nas ciências sociais e humanas ainda tem sido um problema haja vista que poucas revistas se dispõem a relativizarem o número de palavras dos artigos a se ajustarem à necessidade textual dos artigos nesta área, seja por recursos humanos escassos (no caso de revistas gratuitas, geralmente nas universidades públicas) ou pelo modelo de negócio (nas revistas que exigem taxa de publicação).

Assim, após lidas as oito produções científicas sobre o neofascismo, elas puderam ser

divididas em quatro blocos temáticos: os trabalhos que *procuram uma delimitação da categoria neofascismo*; os que *historicizam o uso da categoria neofascismo*; os que *aplicam o neofascismo a uma conjuntura doméstica* e os que *identificam/descrevem grupos e práticas neofascistizantes*.

As Abordagens do Neofascismo na Produção Científica dos Pesquisadores Brasileiros

Dentre os estudos que ‘*procuram uma delimitação da categoria neofascismo*’ temos os estudos de Tatiana Poggi e Odilon Caldeira-Neto. Para Poggi (2012) a grande preocupação se trata na compreensão sobre o que o fascismo e o neofascismo (ou como chamado, fascismo de ‘novo’ tipo) têm de semelhantes. Para a autora a semelhança entre fascismo e neofascismo reside em seu caráter antidemocrático, liderança carismático-populista, unipartidarismo⁴, emprego da violência e busca da resolução de conflitos por meio da guerra⁵. Assim como o fascismo no entreguerras, “o neofascismo é uma resposta à crise profunda no capitalismo e uma resposta à exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista.” (POGGI, 2012, p. 82).

Poggi (2012) ainda ressalta que há uma diferença na organização social do neofascismo entre países de diferentes inserções na dinâmica do capitalismo. Em países de capitalismo central, o neofascismo deve ser considerado como um dos possíveis produtos da sociedade capitalista contemporânea; já que sua emergência enquanto fenômeno social se desenvolve em Estados de conformação político-econômica neoliberal (ou seja, em estados avançados de neoliberalismo) e se prolifera de modo espetacular, justamente engrossando suas fileiras de adeptos à retórica neofascista, por meio da adesão dos desesperançosos e dos setores subordinados ao capital em

⁴ No caso do fascismo clássico na Alemanha Nazista (Partido Nazista) entre 1933-1945. No período pós-1945, em face ao neofascismo já no mundo, observou-se o caso do Irã (Partido Rastakhiz) no período entre 1975-1978.

⁵ Seja pela ‘guerra armada’ (a exemplo do neofascismo dentro do Estado Islâmico) (GRIFFIN, 2018), como a ‘guerra cultural’ (a exemplo do Brasil no combate ao ‘marxismo cultural’ e à ‘ideologia de gênero’ nas escolas) (MIGUEL, 2016).

decorrência da crise (POGGI, 2012). Trata-se, em uma última instância de uma readaptação ou reinterpretção das políticas fascistas tradicionais às novas circunstâncias.

Para a autora, o desenvolvimento espetacular das organizações neofascistas, assim como a origem do neoliberalismo norte-americano, por exemplo, são frutos de alguns fatores conjugados, a saber: a reorganização política e intelectual do conservadorismo em meio ao reformismo, a crise deste último como padrão de dominação e relação social, a reação às conquistas dos movimentos civis democráticos a partir da década de 1950, e o avanço gradativo do processo de precarização da qualidade de vida (POGGI, 2012), o que reforça a tese de que o neofascismo (e seu surgimento) pode ser um fenômeno associado à transição da reestruturação produtiva e o avanço do neoliberalismo exacerbado.

A autora, de filiação marxista⁶, critica as interpretações do neofascismo que são consideradas de “fundo positivista”⁷, pois, como própria autora relata estas interpretações:

“[...] obscurecem o fato de que a intolerância, assim como a criação de “bodes expiratórios” estão profundamente enraizados na sociedade e nos sistemas políticos [*como se fosse um*] grito fútil às mudanças sociais inexoráveis, uma resposta emocional transitória ao deslocamento social” (POGGI, 2012, p. 18).

Em busca de rigor analítico, a autora cita alguns problemas importantes no campo de estudo do neofascismo: a falta de discussão conceitual sobre os termos usados; o porquê da preferência de tantos autores por conceitos largos como o binômio “esquerda/direita” e conseqüentemente a recusa por parte deles em usar ‘neofascismo’, assim como a urgência em admitirmos que o fascismo não ficou no passado, mas bate à nossa porta e precisa ser reconceituado.

Ainda, Poggi aponta o neofascismo como um fenômeno complexo e perigoso. Segundo a autora é complexo porque “expressa por trás da sua visão autoritária e discriminatória de mundo, descontentamentos legítimos acerca da queda da qualidade de vida no capitalismo contemporâneo” (POGGI, 2012, p. 150). Além disso, torna-se perigoso porque “canaliza medos e as esperanças de certo grupo de pessoas para uma alternativa política que conduz ao aumento da discriminação, da desigualdade e da opressão, dificultando ainda mais o diálogo” (POGGI, 2012, p. 150).

Já Odilon Caldeira-Neto apresenta outras perspectivas sobre o neofascismo enquanto categoria. Para o autor, a expressão *neofascismo* já consta no léxico político desde o momento de reordenação das forças mundiais após a segunda grande guerra, inclusive em organizações fascistas ou “ex-fascistas” do pós-guerra. “[...] [O] neofascismo se encara e “encerra” de modo mais fluido e descentralizado, isto é, um grande amálgama diversificado, fragmentado e por muitas vezes divergente em essência ou representação” (CALDEIRA-NETO, 2016, p. 28).

Caldeira-Neto (2016) busca referências em Laqueur para orientar uma aproximação ao que ‘pode ser’/‘vir a ser’ o ‘neofascismo’ assinalando que estes fenômenos podem estar presentes em uma grande diversidade de grupos, demonstrando que devemos estar atentos aos possíveis grupos que aderem (ou podem aderir) facilmente ao discurso neofascista. Para o autor, isto incluiria um amplo espectro que possibilidades de grupos, identitários ou não, tais quais: pagãos, cristãos, ateus, “democratas”, autoritários, antifeministas, ecologistas transcendentais, partidos políticos, o fenômeno *new age* etc. Os princípios básicos do neofascismo (e destes neofascistas) residiriam naqueles comuns ao fascismo histórico, tais quais:

⁶ Concordamos com Poggi (2012) ao usar o materialismo histórico-dialético, conforme Mendonça (2004) aponta que este método “desenclausura” as disciplinas humanas ajudando na visão de totalidade.

⁷ A autora se refere à naturalização que as análises positivistas da história realizam sobre o fenômeno neofascista como se o recrudescimento do novo fascismo estivesse dissociado da dinâmica capitalista contemporânea e, ainda, na inevitabilidade do neoliberalismo como forma de política econômica, desconsiderando o poder da classe trabalhadora, em, organizadamente, convergir esforços na defesa de seus interesses na luta de classe.

o darwinismo social, o racismo, a busca por uma liderança incontestada e de uma nova aristocracia, o princípio da obediência e a negação dos ideais do iluminismo.

Neste sentido, o autor presume que o neofascismo no que diz respeito ao seu ‘nacionalismo raivoso’, faz a aposta em uma crença na ordem e no poder do Estado, no desprezo ao liberal-parlamentarismo e na oposição ao comunismo e ao capitalismo, de modo concomitante. Assim o tipo neofascista encarna por vezes, um estilo/modo de vida alternativo, no qual os membros buscam rejeitar a cultura e meios de comunicação de massa, preferindo-os face aos clássicos escritos patrióticos de seus respectivos países.

No entanto, é preciso tomar cuidado. Devido a esta amplitude, seria um grande equívoco atribuir o título de neofascista a quaisquer destas características isoladamente. Este seria o problema causado pela distensão e dilatação do termo ‘neofascismo’, que pouco ajuda na compreensão do fenômeno e que, certamente, é um indicativo do seu esvaziamento. A crítica ao esvaziamento conceitual e o rigor analítico do neofascismo estão assentados respectivamente: primeiro, na busca por uma conceituação de “fascismo” (e o apreço categórico a essa definição) e, segundo, na compreensão de que, no neofascismo reside algo que remeteria, ideológica e historicamente, ao fascismo ou fascistas em seu primeiro estágio, mas não é a mesma coisa do ponto de vista histórico.

Em concordância com Poggi (2012), Caldeira-Neto (2016) aponta que o neofascismo não seria uma questão restrita aos centros europeus e suas áreas de influência. O autor auxilia a problematizar a constituição autoritária de ditaduras civis e militares também no Cone Sul, por isso que suas manifestações devem ser lidas em ‘chaves’ distintas, especialmente tendo assento na dinâmica ‘imperialismo-dependência’.

Assim, nas nações do capitalismo dependente restariam basicamente duas grandes opções, um nacionalismo desenvolvimentista e populista, ou uma expressão contraditória de “nacionalismo pró-imperialista”, o que o autor prefere chamar

de *neofascismo* (CALDEIRA-NETO, 2016). Esse conflito e contradição se dariam principalmente nos países da América Latina, justamente pela existência de relações de dependência, estreitas e bem definidas para com os países imperialistas – e em especial com os EUA. Nessa perspectiva analítica, o neofascismo nos países dependentes seria caracterizado pela dubiedade de uma premissa nacionalista visando os ganhos do imperialismo capitalista internacional.

Para a manutenção dessa ordem neofascista, métodos autoritários e repressivos de controle social se fazem necessários, coadunados com um tipo de ‘histeria anticomunista’. Todavia, por se tratar de uma formação “fascista em condições de capitalismo dependente”, isto é, sem o caráter de mobilização de massas que se organiza partidariamente ou mesmo pela não constituição de um regime autenticamente nacionalista (visto a abertura “total e irrestrita” ao capital estrangeiro), o autor optou pela denominação de ‘neofascismo’. Logo, a construção de um terreno fértil neofascista no continente seria, a saber, no Brasil, no Chile e na Argentina, uma possibilidade futura, já que na possibilidade e ‘entranha’ da acumulação capitalista, alguma maneira deveria se achar para retomar o processo de acumulação. Restaria, portanto, nesse contexto, apenas duas variáveis para o desenvolvimento latino-americano de uma nova ordem de dominação imperialista: a via subimperialista (neofascista) e aquela que buscaria romper com esses determinantes (ou seja, um modelo socialista) (CALDEIRA-NETO, 2016).

Partindo-se para outro grupo de pesquisadores identificados nesta revisão, há aqueles que claramente tentam ‘historicizar o uso da categoria neofascismo’. São eles Natalia dos Reis Cruz (ao traduzir um texto clássico de Jorge Beinstein) e Reginaldo Moraes. Já que no primeiro caso a autora Natalia dos Reis Cruz fez uma tradução do texto de Jorge Beinstein, vamos referenciar o texto de acordo com a autoria original, ou seja, o próprio autor.

Importante ressaltar que tanto Jorge Beinstein quanto Reginaldo Moraes fazem uma análise, crítica marxista, à luz da grande angular da história. Eles

compreendem que o *continuum* histórico e suas determinações são dependentes da dinâmica do modo de produção em escala de décadas. Portanto, a repetição dos fenômenos (mas em contingências diferentes) faz parte do caráter cíclico da história e suas análises demonstrarem a evidência de que o fascismo clássico perdura na atualidade neofascista, como também demonstram as características próprias do neofascismo em específico.

O primeiro se trata de uma tradução, assinada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) de uma aula de Jorge Beinstein (traduzida por Natalia dos Reis Cruz) que aborda a dificuldade conceitual entre dois termos: ‘decadência’ e ‘neofascismo’. Para o autor, mesmo difíceis, os dois conceitos são ainda essenciais para entender a realidade atual. Assim, sua pergunta reside: *onde termina o ‘autoritarismo burguês’ e onde começa o ‘neofascismo’?* Esclarecer essa dúvida não é fácil, já que há um limite muito tênue entre o “autoritarismo exacerbado” (ou ‘neoautoritarismo’ conforme apontado por Ipar (2018)) e o “neofascismo”. Esse limite pode ser de gradação, mas ele existe. Neste sentido, na tentativa de esclarecer uma primeira característica, o autor explicita que:

[...] o neofascismo aparece emparentado com o fascismo clássico geralmente e, em certos casos, reproduz[indo] nostalgias do passado. No entanto, se diferencia do mesmo. Às vezes ressuscita velhos demônios que se misturam em uma marcha confusa (se a observamos desde antes de 1945) com descendentes de suas vítimas sob a bandeira comum do racismo anti-árabe, das islamofobia ou da russofobia. Afinal, o velho fascismo também nasceu cultivando incoerências, mesclando bandeiras contrapostas, como o elitismo nacionalista-

imperialista e socialismo. Hitler e seu “nacional-socialismo” racista e ultra-autoritário constitui o caso mais grotesco. Em ambos casos, se trata de expressões que colhem pragmaticamente sentimentos de ódio e desprezo para com os povos ou setores sociais considerados inferiores, corruptos, bárbaros e, em consequência, potenciais objetos de agressão (esmagamento dos mais fracos), adornando-as com títulos de nobreza (raça superior, patriotismo, civilização, valores morais, democracia, honestidade, etc.) (BEINSTEIN, 2018, p. 2).

Na tentativa de demarcar a diferença, mais uma vez impetrando a chave de análise ‘imperialismo-dependência’, o autor expõe que:

[...] o neofascismo não fica atrás e hoje na Europa constatamos que em países como Polônia ou Letônia se mesclam o ultranacionalismo, o antissemitismo e outras manifestações nazistas, o respeito formal à institucionalidade democrática *made in* União Europeia, o neoliberalismo econômico, a fobia antirussa e a submissão à OTAN. No Brasil, Paraguai, Honduras ou Argentina é preservada a formalidade democrática, bandeira cultural de seu amo imperial, junto à concentração mafiosa do poder (BEINSTEIN, 2018, p. 2).

No entanto, em termos históricos Beinstein (2018) demonstra que a ascensão das formas fascizantes parecem estar relacionadas com o declínio da narrativa da ‘hegemonia ocidental’⁸, ou seja, a figuração do ‘marco moderno’⁹ e suas instituições de ordem constitutivas da revolução burguesa que marcam a sociabilidade capitalista¹⁰. Essa sensação social de que os símbolos da modernidade estão se “desfazendo” ou se tornando “liquefeitos” (BAUMAN, 2001) demonstra que

⁸ Entende-se aqui por ‘hegemonia (do pensamento) ocidental’ todo o aparato intelectual da construção do conhecimento das sociedades ocidentais de matriz eurocêntrica que: a) exalta consideravelmente as tradições de pesquisa funcionalista, neoutilitarista e quantitativa em detrimento de outras abordagens teórico-metodológicas, b) considera o Estado nacional como unidade de análise quase que natural; c) crê no avanço da “racionalidade” na sociedade moderna (isto é, secular) e, portanto, na decadência da religião; d) reconhece a exata significação da ideia de “modernidade” considerando-a unívoca (KNÖBEL, 2015).

⁹ O marco da modernidade costuma ser entendido como um ideário ou visão de mundo relacionada ao projeto empreendido a partir da transição teórica operada por Descartes, com a ruptura com a tradição herdada do pensamento medieval dominado pela Escolástica, e o estabelecimento da autonomia da razão, o que teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais. O projeto moderno consolida-se com a Revolução Industrial e é normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo (MAYOS, 1993).

¹⁰ Ver nota de rodapé número 2.

o neofascismo, assim como no caso do fascismo clássico, advém de uma “maré que ameaçou sepultar a hegemonia ocidental, fato decisivo do século XX.” (BEINSTEIN, 2018, p. 6).

E neste sentido, o autor busca na história os exemplos, especialmente do desserviço em que a própria construção intelectual corrobora para o sentimento de ascensão fascizante. O autor traz os exemplos dos países de capitalismo central:

Na França de 1981, por exemplo, a esquerda ganhava as eleições, porém se estavam na moda os chamados “novos filósofos” como Bernard Henri Levy ou André Glucksmann, que se apresentavam como supostos “humanistas anti-stalinistas”, rapidamente se converteram em um anticomunismo raivoso, convergindo em muitos aspectos com a direita neofascista. Aparentemente, a França girava politicamente para a esquerda (depois se comprovou que se tratava de uma pura aparência), enquanto se deslocava culturalmente para a direita. A socialdemocracia, da Espanha até a Alemanha, ia abandonando seus modelos keynesianos, produtivistas e integradores, e penetrava no universo neoliberal governado pela especulação financeira. As chamadas direitas “democráticas” faziam algo parecido e, gradualmente, se estendia uma mancha pestilenta que começava a ser qualificada como neonazismo, neofascismo, extrema direita, nova direita, etc. Na Europa Oriental, em lugares como a Polônia, países bálticos, Croácia ou mais recentemente na Ucrânia, reapareceram os velhos fantasmas do fascismo. Já em pleno século XXI, na Alemanha, Áustria, França e outros países europeus, os neofascistas obtêm grandes progressos eleitorais, em vários deles associando estilos e tradições do passado hitlerista com sólidas amizades sionistas. (BEINSTEIN, 2018, p. 6-7).

Assim, o autor tenta garantir uma primeira semelhança fundamental entre o fascismo clássico e neofascismo. Logo,

[...] assim **como o fascismo clássico**, o **neofascismo** significa a **radicalização da exploração de recursos humanos e naturais**, ainda que o primeiro não tenha tido aplicação a nível planetário e a capacidade tecnológica do segundo. Em ambos os casos,

trata-se de um **grande salto qualitativo da dinâmica de exploração-opressão do capitalismo triturando liberdades democráticas, garantias sociais das classes baixas, identidades culturais**, etc. Todavia, continuamos impactados pelas atrocidades passadas do fascismo sem nos dar conta muitas vezes da carga de barbárie, muito maior, da qual é portador o neofascismo. Os grandes genocídios do século XX se ofuscam ante as consequências possíveis da devastação neofascista em curso, protagonizada pelo Império e seus aliados.” (BEINSTEIN, 2018, p. 10, grifo nosso).

Tratado o elemento fundamental que os liga organicamente (fascismo clássico e o neofascismo), o autor trata de delimitar as especificidades que perfazem o ‘neo’ da categoria neofascismo, à luz da análise histórica.

O neofascismo é muito mais pragmático, não repudia a democracia burguesa, mas tenta mimetizar-se nela, assumindo-a demagogicamente para colocá-la a serviço de suas bandeiras racistas e autoritárias. [...] Na América Latina, podemos encontrar similar **acatamento formal às regras da democracia representativa em regimes ditatoriais e protoditatoriais** como em Honduras, Brasil, Argentina, México ou Paraguai, em alguns casos apoiados na **histeria neofascista das classes médias.**” (BEINSTEIN, 2018, p. 11, grifo nosso).

É interessante notar a clareza com que Beinstein explicita as características fundamentais do neofascismo, todas, em grande medida, essenciais nos processos de destrave da acumulação capitalista ou golpes de Estado recentemente realizados nos países latino-americanos. Sempre, nestes casos, o “pragmatismo de mercado”; “a defesa incontestada de democracia (burguesa)” e “o usufruto da pauta democrática para fazer valer-se da imposição anti-democrática” (através das bandeiras racistas e autoritárias), estiveram associadas ao sentimento de estagnação que mobiliza a “histeria da classe média” (BEINSTEIN, 2018, p. 11). Sem esta mescla de elementos não se edificaria a

reverberação ideológica necessária à mobilização popular típica fascizante.

Nesta perspectiva totalizante, o autor defende a compreensão do que seria “neofascismo financeiro”. Esta característica (a dimensão financeira) parece ser fundamental na compreensão da categoria especialmente no que se refere aos tempos, ritmos, ou seja, a cadência das mudanças que aparentemente são aceleradas, rapidíssimas e velozes (ROSA, 2019), mas que na essência tem como objetivo restituir um ritmo de crescimento impossível, gerado pela última crise do capitalismo (2008) que provoca uma longa depressão que precisa de tempo para se recomodar.

Diferente dele [do fascismo clássico], o **neofascismo emerge muito tempo depois, arrastando velhas histórias, porém inserido em um universo capitalista completamente financeirizado**, onde as **inovações tecnológicas da indústria, da agricultura ou da mineração** formam parte de uma dinâmica geral de negócios, na qual prevalece **a cultura financeira**, seus **ritmos**, sua **reprodução parasitária**; onde a urbanização se degenera em caos, onde a fragmentação social e a transnacionalização quebraram integrações nacionais e articulações estatais, com taxas de lucros produtivas **tendencialmente baixas e taxas de crescimento econômico anêmicas nos capitalismos dominantes tradicionais e desacelerando-se na China**. (BEINSTEIN, 2018, p. 13, grifo nosso).

Outra característica que Beinstein (2018) demonstra ser própria do neofascismo se trata do desprezo às pautas relacionadas à conservação do planeta, à matriz energética e outras pautas relacionadas ao meio ambiente. Não é demasiado dizer que o neofascismo aposta que o ritmo imposto pela financeirização do capitalismo contemporâneo possa ser replicado ao processo produtivo, em especial a exploração econômica da natureza. Tudo isto como se esta destruição a passos largos fosse o suficiente para ‘salvar’ o capitalismo da depressão de longa duração, provocando fraturas importantes no esgotamento

dos recursos naturais e mudanças climáticas abruptas. Assim,

[...] uma das características das tendências neofascistas é seu repúdio às chamadas “bobeiras ecológicas”, que desalentariam os investimentos prejudicando o desenvolvimento empresarial. [...] O aspecto financeiro do neofascismo converge com suas práticas devastadoras da natureza, de articulações sociais e de sobrevivências culturais, cuja interação metabólica começa a fraturar-se em começos do século XXI.” (BEINSTEIN, 2018, p. 13).

Por fim, Beinstein (2018), mesmo caracterizando as especificidades do neofascismo, reconhece sua configuração variável e sua dependência fenomênica do contexto geoeconômico e sociopolítico. Assim, o autor aponta que:

Seu caráter universal vem sendo dado pela **intervenção do império global estadunidense** e não [possui] cenários ou discursos comuns. **Trata-se de uma onda reacionária de configuração variável**. Na Europa, predomina o discurso racista contra os povos periféricos, xenofobia propagada em sociedades afetadas pelo envelhecimento demográfico e a perda de dinamismo econômico (tem o aspecto de um **neofascismo defensivo**). Na América Latina, mobiliza principalmente as classes altas e médias contra os pobres, onde se combina, segundo os casos, racismo e segregação social internos” (**neofascismo autodestrutivo**). (BEINSTEIN, 2018, p. 13, grifo nosso).

Já Reginaldo Moraes, na tentativa de elucidar (ainda em 1998) a relação intrínseca entre neoliberalismo econômico e neofascismo, aponta algumas elaborações importantes sobre a conjuntura brasileira que ajuda a refletir sobre a construção histórica do conceito no Brasil.

Para Moraes (1998), o neoliberalismo econômico leva a uma política conservadora e seus propagandistas, de Hayek a James Buchanan, jamais esconderam a pretensão de colocar

limites drásticos às “irresponsabilidades”¹¹ da democracia de massas. E, nesta esteira Moraes (1998) se pergunta: “Terá isso identidade com o renascimento de movimentos de ultradireita, do tipo fascista? É certo que não existe um fosso intransponível entre essas doutrinas antidemocráticas e os movimentos neofascistas recentes” (MORAES, 1998, p. 122).

Em sua perspectiva (MORAES, 1998), o fascismo germina dentro de certa lacuna operacional. Por exemplo: uma ditadura militar ou um estado policial se revelam insuficientes para derrotar a classe trabalhadora, atomizá-la, destruindo suas organizações, desmoralizando-a e condenando-a à resignação e à obediência. Para esse serviço, torna-se necessário um movimento de massas, no qual exerce papel decisivo uma pequena burguesia atingida pela crise mas também as parcelas do proletariado e do subproletariado marginalizadas por essa mesma crise. É assim que socialmente o fenômeno pode emergir.

Logo, inflação, falências, desemprego, degradação das profissões e dos *status* sociais conduzem a um desespero de massas e a um movimento frequentemente povoado de reminiscências ideológicas, derancor, nacionalismo e de certa demagogia anticapitalista. Esta volta-se para formas específicas do capitalismo, em que são satanizados os usurários, os atravessadores, os tubarões, os monopólios, o capital ocioso (mas não o ancestral e mitológico capital criador de trabalho e de riqueza), uma demagogia exacerbada e ao mesmo tempo prudente, já que não se volta contra o próprio instituto da propriedade privada (MORAES, 1998, p. 123).

Assim, Moraes (1998) aponta que a evolução do Estado forte (não no sentido interventor – clássico) mas implicado pelas *market orient reforms* de nossos neoliberais pode avizinhar-se do neofascismo. “E isto diz respeito, diretamente, aos próprios resultados socioeconômicos de

seus atos” (MORAES, 1998, p. 123-124). Assim Moraes parece sintetizar com muita fidelidade o tempo que se vive hoje com Jair Bolsonaro:

A **política neoliberal** não é a da mobilização neofascista, *mas pode ser o pavimentador dessa outra via da contra-revolução*. Apatia política e desilusões com as saídas convencionais, desmanche de tradições políticas, sociais e culturais que outrora costuravam e resguardavam a sociedade, ausência de **saídas progressistas confiáveis** (*elas mesmas mergulhadas na desilusão e na desmoralização*) tudo isso prepara o caminho para a emergência de **um louco** que tenha **soluções radicais**, aquelas que parecem ser o único ponto firme num mundo em que tudo naufraga, grito que parece ter espírito num mundo sem espírito (MORAES, 1998, p. 125, grifo nosso).

Por isso que, sem rodeios o autor aponta que o (neo)fascismo é assim, de certo modo, um sintoma de males profundos, mas tem o cuidado de não se apresentar como sintoma, mas, antes, como remédio amargo, necessário e o único que nos sobra. Isto nos faz pensar no Brasil, sua conjuntura política dos desmontes acelerados e no apoio popular incontestado e apático.

Partindo-se para o próximo grupo de autores, tem-se o grupo de pesquisadores que ‘*aplicam o neofascismo a uma conjuntura doméstica*’. Estes são os pesquisadores: Fábio Chang de Almeida, Odilon Caldeira-Neto e Henrique Soares Carneiro.

Almeida (2008) na tentativa do esforço para compreender o discurso neofascista argentino percebeu que por trás dos ataques violentos, ou das organizações políticas de caráter mimético, está uma organizada, uma poderosa rede de comunicação. Seu neofascismo apresenta um caráter peculiar e pode ser compreendido como algo que

“[...] vai muito além da reprodução estética e discursiva de modelos europeus [...]

¹¹ Considera-se como irresponsabilidade da democracia de massas (ou seja, a democracia representativa burguesa) o fato de que, sob a ameaça fascizante, as instituições democráticas não põem um ‘freio’ no avanço dessas forças (POULANTZAS, 1978), especialmente no interior do Estado por meio dos procedimentos democráticos (representação partidária e sufrágio universal).

O neofascismo argentino é “oportunista”. Ele nutre-se com substratos culturais preexistentes, como o nacionalismo, o caudilhismo, o anti-semitismo, o racismo, a xenofobia e a violência política” (ALMEIDA, 2008, p. 4).

Neste “substrato cultural”, que, parece ser uma dimensão determinante aos contornos que o neofascismo ganha em cada expressão local, no caso argentino a aparência protecionista pode ser também confirmada como uma expressão na variante local do fenômeno. Além destas influências históricas, são acrescentadas ao discurso neofascista apropriações de temas como a “defesa da liberdade de expressão”, “a solidariedade com a causa palestina”, ou “a crítica ao imperialismo norte-americano”. Dessa forma, agregando elementos novos a uma sólida tradição da direita, forma-se o “caldo de cultura” neofascista na Argentina.

Dentre a expressão propriamente local, o neofascismo argentino é embasado na concrecência da “teoria da conspiração” de forte caráter antisemita (“materialismo, liberalismo, marxismo, comunismo, socialismo, anarquismo, ateísmo, masoneria...” sob o comando de uma liderança única: “*el judaísmo*”) tem como pressuposto histórico-social o referencial nacional de caráter idólatra como em Martin Fierro, por exemplo. Segundo o autor, ao citar o historiador Luis Alberto Romero, ratifica que o nacionalismo argentino “*es una combinación de soberbia, de pensar que la Argentina está llamada a grandes destinos, con un componente muy paranoico, de pensar que si no estamos en primer lugar es por culpa de alguien. Ese alguien siempre se renueva*”.

Mais uma vez Caldeira-Neto (2016) nos brinda com uma aplicação concreta do neofascismo no caso específico de expressão nos partidos políticos. Para o autor, o caso do PRONA (Partido da Renovação da Ordem Nacional) foi a forma institucionalizada do neofascismo no sistema partidário brasileiro. Caldeira-Neto (2016) aponta que o Prona seria tratado como uma espécie de *habitual intruso* na “festa da

democracia” brasileira. Autoritário, conservador e hierárquico, em contrariedade ao princípio de retificação social e demais políticas igualitaristas, transmitindo de modo contínuo proposições coerentes com as definições basilares da direita (e em distinção à esquerda), o Prona persistiu à direita da direita, conquistando espaço cativo como legenda referencial para (e da) direita radical brasileira.

A partir desta primeira experiência embrionária do neofascismo institucional, a discussão sobre o fenômeno no Brasil parecia ter amornado, não habitando mais as agendas de pesquisa e nem a preocupação política do sistema partidário e dos movimentos sociais. Até que, com ofensiva neoliberal mais acirrada e o golpe institucional de 2016 no Brasil, as condições concretas de vida não puderam fazer os olhares destes atores sociais se furtarem da ascensão neofascista chegada no Brasil a partir das experiências sociais gestadas ainda no pós-guerra europeu (BULL, 2012).

Como os fenômenos sociais requerem decênios para ganharem corpo e se consolidarem na história, o neofascismo não foi diferente. Apenas com o golpe e, em seu turno, a eleição de Bolsonaro os pesquisadores atentaram ao fato do inevitável. O neofascismo chegava ao Brasil e ao seu principal intérprete, Henrique Soares Carneiro, é importante reconhecer esse fenômeno aplicando a categoria ao tentar compreender nossa conjuntura doméstica. Segundo Carneiro:

[...] o uso da palavra fascismo pode incorrer num “reducionismo meio generalizante de transformar isso numa espécie de insulto contra todas as formas de expressão da direita política”. O fascismo diferencia-se [...] de outras formas repressivas do capitalismo, tais como bonapartismo, bismarckismo, cesarismo e até ‘populismo autoritário’. (*apud* ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2018, p. 1-2).

Ainda segundo Carneiro (*apud* ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2018, p. 2),

[...] o fascismo clássico tinha estofo ideológico bem definido, de que seriam exemplos o futurismo italiano de Marinetti e, na Alemanha, a obra de Rosenberg. Outra característica é o estatismo. Ao passo que, no “neofascismo tropical”, ainda indefinido, ‘a grande característica que é marcante no modelo que vai se tornar predominante na gestão do Estado brasileiro, é a substituição de um certo pacto social inaugurado pela Nova República, e que teve, tanto no PSDB como no PT, uma característica que eu chamaria de conciliação. Ou até uma vocação ultraconciliatória. Uma tentativa de apagar a ideia dos inimigos históricos e de fazer do pacto de união nacional um apelo para o bem e fim da Nação. O bolsonarismo é o oposto disso’.

Assim, para o autor, o cenário será de

[...] ultraconflitividade que deverá marcar o novo governo. Provavelmente não vai ser em torno da reforma da Previdência, ou de aplicações de ajuste fiscal, que ele vai apresentar sua vitrine de governança. Ele vai definir um inimigo. Não vai ser nova política econômica nem nova política interna. Assim, haverá, como tipicamente no fascismo, um “engajamento de tipo simbólico” e não “políticas racionais, sistemáticas e coerentes”. Teorias que de certa forma prevaleceram no imaginário político brasileiro (“homem cordial”, teorias da mestiçagem e da vocação pacífica do brasileiro, vistas em intelectuais como Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre e outros) cederão lugar a um “belicismo contínuo e sistemático, voltado contra um inimigo simbólico, que pode ser no terreno dos valores, como ‘ameaças homossexuais’ ou de doutrinação nas escolas, mas muito mais em torno do ataque à esquerda, provavelmente haja medidas efetivas de criminalização dos movimentos sociais...” (*apud* ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2018, p. 2).

E, o último bloco de pesquisadores são aqueles que ‘*identificam/descrevem grupos e práticas neofascistizantes*’. Dentre eles estão os pesquisadores: novamente Odilon Caldeira-Neto,

Dilton Maynard (relido por Irlan Mark Elias Vieira) e Sidnei José Munhoz. Especialmente no caso do autor Odilon Caldeira-Neto, sua rica obra pode ser enquadrada em três dimensões temáticas distintas, das quais esta é mais uma.

Caldeira-Neto (2016) utiliza a história para identificar de onde surgem, e qual o local de excelência das organizações políticas de cunho fascistoíde e o que elas são:

[Trata-se de] hodiernas formas e organizações políticas surgidas no após Guerra Fria (e até momentos do limiar do século XXI) – muitas delas chamadas genericamente de neofascistas, houve um afluxo constante de lembranças, reinterpretações e apagamentos. Deliberados ou não, este processo auxiliará aos atores envolvidos, no sentido de se compreenderem dentro da complexidade do mundo que os cerca, concomitantemente às suas investidas políticas e partidárias. (CALDEIRA-NETO, 2016, p. 24).

Segundo Caldeira-Neto (2016), as organizações neofascistas seriam aquelas que persistiam na defesa ao *vitalismo*, *irracionalismo*, entre outros elementos *típicos do fascismo*. Tendem a estarem situados e/ou restritos à marginalidade dos limites do campo político-institucional, e, portanto relativamente distante das agremiações dispostas dentro do aparato da ordem democrática estabelecida.

Para o autor são grupos neofascistas típicos: os negacionistas do holocausto, organizações neonazistas, sejam aquelas clandestinas ou não, *hooliganismo* de direita; gangues, gravadoras, conjuntos e festivais de música *skinhead*; partidos políticos de direita institucionalmente reconhecidos em sistemas democráticos; grupos e organizações de comemoração e lembrança de um “pujante” passado fascista; organizações políticas clandestinas ou terroristas; correntes do radicalismo islâmico; fóruns de discussão *online*; *blogs* e redes sociais de difusão de material e valores fascistas dentre outros. Assim, a hidra neofascista (ou a besta renascida), multifacetada, e por isso mesmo atuante em diversos setores da

sociedade e do ciberespaço, estaria disposta e propensa a ramificar cada uma de suas cabeças.

Já a identificação dos grupos neofascistas descrita por Dilton Maynard é baseada no trabalho de cerca de dois anos que o GET (Grupo de Estudos do Tempo Presente) vem fazendo através do mapeamento e discussões de sítios eletrônicos de caráter *racista, xenóforo e neonazista*, oferecendo a seus leitores um farto material de estudo sobre o problema da intolerância contra judeus, nordestinos, homossexuais, negros e latinos, cada dia mais frequente na *web*.

Os grupos extremistas se conformam em novas facções a cada dia, criando uma juventude xenófoba e imersa em preconceito. “A relativamente fácil manipulação de imagens, as redublagens de vídeos, a customização de *blogs* e *websites* com *templates* personalizados e outros recursos tornam possível a apologia aos fascismos ...”.

Dentre a análise de Maynard (2012) as maiores organizações neofascistas no mundo hoje são:

- a) “*Blood and Honour*”, considerado um dos mais antigos e mais organizado grupo neonazista¹² em atividade, e presente em aproximadamente 25 países.
- b) *Ciudad Libertad de Opinión*, página criada pelo argentino Alejandro Biondini. Este sítio eletrônico é a hospedagem de diversos sites neonazistas espalhados pelo mundo, permitindo que qualquer um utilize seu espaço na *web* para transmitir mensagens fascistas.

Ainda segundo o autor, as mais violentas são as organizações neofascistas chilenas. Estas são descritas como agressivas, também podendo ser encontrados grupos mais sofisticados e engajados na participação política do país visando à criação de um Estado Fascista. Na internet a divulgação da *hate music* (com bandas tais quais: *Screwdriver*,

Ultra Sur, *Skullhead*, *Brutal Attack*) é muito utilizada pelo movimento neonazi para unir seus integrantes em torno de um ódio.

Outros veículos de agitação neofascista são as mídias audiovisuais. Por exemplo: a análise do documentário *Skinhead Attitude*, no qual são apresentadas características como o nacionalismo, antissemitismo e a intolerância tem sido um dos mais vistos e o sítio *Radio Islam* um dos mais acessados se auto-intitulando como “a mãe de todos os *sites* anti-judeus”.

Sidnei José Munhoz faz um trabalho interessante na tentativa de identificar o papel do *Hate Rock* na propagação da ideologia neofascista. Por se tratarem de músicas nas quais a nação é idealizada com base nas ideologias fascistas, seus compositores transformam esses discursos em um lugar de diálogo e práticas políticas. Análises das músicas das bandas “Bandeira de Combate”, “Brigada NS”, “Comando Blindado” e “Defesa Armada”, do Brasil, e *Angry Aryans*, *Chaos 88*, *Extreme Hatred* e *The Voice*, dos EUA demonstram o quanto essas bandas são importantes na disseminação do neofascismo na conquista de novos adeptos. Nessa investida, Copsey (*apud* OLIVEIRA, 2017, p. 67) nos lembra que os:

[...] neofascismos como resultante dessas transformações, se apresenta hoje como modelos que buscam esconder suas reais intenções ou revisá-las para soarem como amigáveis, semelhante a um tipo ideal chamado pelo autor de ‘nacional-populista’: um partido ou movimento do povo, que não pertence à esfera política tradicional, que, buscando aceitação, se interessa pelas reformas por meio das vias legítimas e democráticas. Nesse caso, estamos nos referindo a partidos ou organizações políticas que, por meio de uma ‘cirurgia cosmética’, tentam expor com parcimônia suas feições neofascistas.

Por isso, a identificação do inimigo concreto, instituído ou não em grupos dentro ou fora do Estado deve ser premissa essencial para o combate

¹² Neonazismo, segundo Griffin (2018), é compreendido aqui como um tipo específico de neofascismo que ocorre já no pós-1945 na Alemanha e perdura até os dias atuais.

dessas organizações. Identificá-los para organizar uma luta antifascista é essencial (CASTRO, 2016). Saber como pensam e como arregimentam forças sociais deve ser o caminho a ser trilhado politicamente pela esquerda a fim de retirar a água da semente do retrocesso social impedindo que este floresça.

Neofascismo à Brasileira: Conteúdo do Fenômeno Segundo Outros Autores

No Brasil, o neofascismo tem sido crescente e, mesmo relacionado ao movimento do capital internacional em reagir frente ao período de decadência capitalista, ele é carregado de um conteúdo específico fruto da situação doméstica deste País. Logo, há uma diferença entre o ‘fascismo’ e ‘regime fascista’, que, em tempos de ‘neofascismo’, ainda não é possível dizer que há um ‘regime neofascista’ pelo menos no Brasil.

Assim, com o foco na expressão social do ‘neofascismo’, é possível admitir que ele pode estar presente em uma grande diversidade de coletivos, demonstrando que devemos estar atentos aos possíveis grupos que aderem (ou podem aderir) facilmente ao discurso neofascista, Melo (2019), por exemplo, aponta que o discurso bolsonarista apresenta características ideológicas que podem situá-lo no campo do neofascismo. É possível encontrar nele um discurso que, diante de uma crise de tamanha envergadura, promete um ‘processo de renascimento nacional’ (palingênese) que remete a um passado glorioso, especificamente relacionado à ditadura militar.

Entretanto, quando questionados em relação ao caráter violento, corrupto e antidemocrático deste período, os neofascistas à brasileira assumem seu ‘nacionalismo raivoso’ justificando que as escolas não apresentaram a ‘versão correta’ da história. Contudo, Rodrigues (2018) refuta esta ideia quando descreve como as políticas educacionais foram essenciais na edificação do ‘nacionalismo’ no Brasil através de duas chaves de interpretação: a primeira foi a ideia de pátria unificada e harmoniosa para que não sofra periodicamente convulsões,

cultuando-se a aversão ao externo e a segunda pela insistência na reedição da ideia de ‘república forte’, alinhando-se ao desenvolvimento de uma versão a favor do militarismo.

Além disso, mais do que advogar por uma ‘versão’ dos fatos históricos, nosso neofascismo retoma alguns elementos comuns ao fascismo histórico que justificam sua opção por explicações, hoje, já refutadas pela ciência contemporânea como o darwinismo social e o racialismo. Estas apostas teóricas, assim como no fascismo histórico, chegam a negar as ideais do iluminismo e, no neofascismo brasileiro, atinge-se o ponto do irracionalismo (COUTINHO, 1972; EVANGELISTA, 1997). Este uso da *irrazão* advém do senso comum entre os neofascistas do sentimento de ‘anticiência’, já que a ciência moderna, pretensamente universalista, teria a função de controle social para fins totalitários. Este raciocínio encontrou terreno fértil em pautas conservadoras sobre os avanços científicos (como o movimento antivacina) (SAITA; PINA, 2019) até se expressar na negação absoluta da razão com o ‘terraplanismo’ (ALVIM, 2017).

O neofascismo no Brasil retoma do fascismo clássico a busca por uma liderança incontestada, de uma nova aristocracia (nova classe política), princípio da obediência e aposta na ordem e no poder do Estado. No Brasil, a questão da *ordem* e a *estabilidade* reemergem como elemento ideológico conservador que tem como terreno fecundo a comunidade neointegralista (organização neofascista brasileira). Não é à toa que um temor sobre a falta de ordem e estabilidade reaparece nos discursos neofascistas constituindo-se como uma reação à insegurança e à instabilidade trazidas pela vida pós-moderna (CRUZ, 2016). A geração atual (os neointegralistas) é especialmente marcada pela decepção como modelo capitalista ocidental e sentem-se traídos com a abertura política que depôs o regime militar.

Ademais, os neofascistas se apresentam desiludidos também com o liberal-parlamentarismo e na oposição ao comunismo e ao capitalismo, de modo concomitante. Assim o tipo neofascista encarna por vezes, um estilo/modo de vida

alternativo. Por vezes este ‘estilo de vida alternativo’ pode encontrar acolhida destes seus adeptos, pois “nos rastros de uma crise do eu, a partir do desfalecimento dos pilares instituídos acerca de um sujeito universal, unificado, intrapsíquico, ‘individualizado’ e em uma atmosfera de unificação e totalização” (SALES; ROCHA, 2019, p. 254) buscam a demarcação/acentuação das diferenças como forma de garantir ‘*estabilidade*’ do ponto de vista político-social.

Os membros da cultura neofascista buscam rejeitar a cultura tradicional e dos meios de comunicação de massa, preterindo-os face aos clássicos escritos patrióticos de seus respectivos países. Este é um ponto nodal que caracteriza o neofascismo brasileiro. Instituiu-se uma guerra cultural profunda que tem repercussões especialmente no que se refere às políticas do campo da educação. Além dos drásticos cortes no orçamento, agora justificado legalmente pela Emenda Constitucional 95, o Movimento Escola Sem Partido, constitutivo do bolsonarismo, tem notadas características neofascistas.

Primeiro, mobiliza-se a partir de uma reacionária teoria da conspiração obscurantista e que objetiva um ‘movimento popular’ contra a escola pública e em favor do fundamentalismo religioso. Segundo, tem como método procedimentos que solapam o Estado de direito, no que contam com a ajuda das parcelas fascistizadas do judiciário e a leniência do Supremo Tribunal Federal que adiou uma decisão que possa por fim a esse movimento que visa criminalizar os educadores brasileiros. (MELO, 2019, p. 10-11).

Neste ‘substrato cultural’ que parece ser uma dimensão determinante aos contornos que o neofascismo ganha em cada expressão local, no Brasil, por exemplo, vê-se uma série de ataques à educação pública. Na esteira dos governos conservadores que recém adentraram ao poder, estiveram as ideias mais obscurantistas e atrasadas que existem na sociedade. Uma delas está no que subjaz ao uso do termo ‘ideologia de gênero’. Moura (2019) descreve que isto não é uma

particularidade do Brasil e também está presente no Peru, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia e Costa Rica (MOURA, 2019).

Já na chave de análise ‘imperialismo-dependência’, o neofascismo brasileiro carrega consigo a marca da dependência. Mesmo sob a agitação do discurso nacionalista, as opções da política econômica são notadamente alinhadas aos interesses imperialistas no contexto da crise do capitalismo contemporâneo. Segundo Melo (2019, p. 7), no caso do Brasil,

[...] um aspecto que difere o bolsonarismo do fascismo histórico são as opções da política econômica, ainda que consideremos as relações ambíguas entre o liberalismo econômico e o fascismo italiano em seus primeiros anos. É preciso notar que tal questão está situada no âmbito da etapa histórica do capitalismo, pois enquanto no fascismo do entreguerras o pano de fundo era a crise do liberalismo. (MELO, 2019, p. 7).

Diferente do fascismo clássico, o neofascismo emerge muito tempo depois, arrastando velhas histórias. No Brasil, uma das velhas histórias importantes para o germen do tipo neofascista foi a gramática política requeitada por parte do conservadorismo, antes mesmo da vitória de Bolsonaro. Alves-Cepêda (2018), problematiza a terminologia dada a este campo apressadamente chamado de “nova direita” analisando o manifesto publicado por intelectuais em 2012, intitulado *Por que virei à direita: três intelectuais explicam sua opção pelo conservadorismo*. A escolha por este livro, que agrupa experiências e trajetórias diversas de acadêmicos do Brasil (Luiz Felipe Pondé e Denis Rosenfield) e de Portugal (João Pereira Coutinho) está localizado temporalmente no momento anterior da explosão das manifestações de 2013.

É pertinente lembrar, para garantir o rigor histórico, que tudo iniciou na onda repressiva às Jornadas de Junho de 2013. Desde então os procedimentos de ‘exceção’ se multiplicaram, ao passo que a crise do regime político implantado após

a ditadura militar se intensificou nos últimos anos. O golpe de Estado com a derrubada do governo do PT foi só um capítulo (MELO, 2019, p. 10).

Tudo isso preparou o caminho para a emergência de um personagem que tinha apreço por soluções conversadoras ultrarradicais. Segundo Melo (2019, p. 7),

Bolsonaro é um fascista. Não é só alguém com uma personalidade fascista, com um comportamento fascista. É alguém que professa uma ideologia fascista: xenófoba, preconceituosa, machista e militarista. Além disso, Bolsonaro engendra um movimento baseado numa mobilização que interpela setores médios e setores subalternos movidos por um grande ressentimento social. Não foi o candidato de uma direita tradicional, sendo também um personagem carismático-catalizador de um partido de massas, estruturado em torno da sua candidatura que catalisou todo o universo da extrema-direita brasileira, do separatismo sulista ao monarquismo, dos grupos neonazis, de amplas faixas do aparelho de repressão do Estado (das polícias militares à parcelas da Forças Armadas), do fundamentalismo religioso e do mercado. Não é só um maluco, mas está dando vida a uma das características fundamentais do fascismo como movimento que é a existência de um partido. Seu governo parece bastante comprometido em continuar a mobilização de massas. (MELO, 2019, p. 7).

Apenas com o golpe e, em seu turno, a eleição de Bolsonaro, os pesquisadores atentaram ao fato de inevitável. A própria eleição de Bolsonaro, com uma margem ampliada de folga (MARQUES, 2019), demonstrou como a mobilização das massas e a ratificação do discurso neofascista já ocorriam antes mesmo do período pré-eleição, conforme demonstra o relatório Dossiê Bolsonaro (2018).

Além disso, o desenvolvimento de organizações neofascistas no Brasil também ajudou. É prudente esclarecer a diferença analítica entre uma Organização Neofascista e um Aparelho Privado de Hegemonia, que, em alguns casos, podem se assemelhar caso não se tenha em mente a diferença essencial entre eles. Um caso de Aparelho Privado de Hegemonia (APH) é o do “Conselho

das Américas (AS-COA)” conforme descrito por Hoeveler (2019). Este conselho foi fundado em 1965 reunindo as 200 corporações estadunidenses com atuação mais intensa na América Latina. Como um caso clássico APH, este reúne e organiza frações do capital que opera em escala hemisférica, desenvolvendo uma ação política de classe. Já as Organizações Neofascistas estão preocupadas em ser movimentos contrarrevolucionários (geralmente a uma ameaça concreta e não a uma paranóia!), agem de forma extralegal, divulgam mensagens com alguma característica fascista, cultuam práticas fascizantes, como atacam verbal ou fisicamente (este último geralmente em bando) e até assassinam lideranças dos movimentos sociais. No caso do Conselho das Américas, este se preocupou em atuar na conjuntura eleitoral de 2018 no Brasil, promovendo ou incentivando iniciativas diretamente voltadas para as eleições, como o RENOVA-BR e promoveu debates organizados com grandes empresários e intelectuais para pensar ideologicamente a economia e os costumes com a ascensão de Jair Bolsonaro (HOEVELER, 2019).

Moraes (1998) parece sintetizar com muita fidelidade o tempo que se vive hoje com Jair Bolsonaro. A vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 é resultado de inúmeros fatores, inclusive da ação de frações do empresariado brasileiro, no sentido de assegurar a presidência da República. Diversos empresários/empresas e deputados contribuíram para a eleição do candidato do PSL. Estas contribuições se deram por doações, coações e disparos de *fake news* responsáveis pelo seu crescimento na campanha (BORTONE, 2019).

Considerações Finais

Diante destes elementos é possível dizer que, mesmo poucos (apenas 21), os pesquisadores brasileiros estão tomando o ‘neofascismo’ como objeto de estudo. Dentre as disciplinas que estes ancoram suas análises é possível perceber que eles se utilizam predominantemente da História e diferentes vertentes da Historiografia, com mesclas minoritárias da Sociologia, Ciências Sociais em

geral, Ciência Política, Filosofia, Geografia, Letras e apenas uma baseada na Saúde Pública/Coletiva.

Dentre as contribuições que eles têm feito para apontar caminhos na elucidação deste fenômeno é possível perceber que, em suas incursões sobre o objeto, eles/as procuram: uma delimitação da categoria neofascismo tentando dar-lhe o devido contorno analítico; historicizam o uso do neofascismo para compreendê-lo enquanto categoria; fazem análises aplicadas do neofascismo a uma conjuntura doméstica para identificar suas diferentes expressões empíricas e, ainda, identificam/descrevem grupos e práticas neofascistizantes.

Assim, segundo o conteúdo sobre neofascismo discorrido nos resultados de suas pesquisas, algumas reflexões encetadas por este artigo apresentam caminhos para respostas que, sem dúvida, ainda requer muita pesquisa e dedicação para compreender esse fenômeno. Dentre as perguntas formuladas neste artigo a primeira delas é: será que este fenômeno, ocorrido no Brasil, se trata do velho conservadorismo de uma burguesia de ranço escravista ou é uma nova formação política do tipo “fascista explícito”?

Os autores revisados apontam que se trata, sim, de uma nova conformação do tipo fascista explícito. Mesmo reconhecendo o limite tênue entre o conservadorismo e práticas neofascistizantes, alguns destes limites são relatados pelos pesquisadores estudados (ainda que borrados). Assim, podem ser consideradas ‘práticas conservadoras’ (perigosas por serem embriões do neofascismo) – ou como colocado no adágio popular: o ovo da serpente:

- a) a apologia ao neoliberalismo econômico especialmente na defesa de uma política econômica conservadora e idolatria de seus propagandistas;
- b) uma onda conservadora de natureza avassaladora, mas que ainda não pauta o processo político cotidiano ou institucional;
- c) a emergência de forças sociais obscurantistas e atrasadas que existem

na sociedade, mas que não ganham expressões organizacionais ‘perenes’ em termos de tempo de atuação ou de ‘largo alcance’ em termos de adeptos;

- d) a emergência de forças sociais conservadoras que não dispuseram de capacidade de reorganização política e intelectual em meio ao reformismo;
- e) os partidos políticos de bases conservadoras que não apresentam expressiva adesão eleitoral por falta de identificação das massas com seu conteúdo/pauta/programa;
- f) a criação e/ou utilização de corporações, conselhos, grupos, associações, comissões e/ou outras formas de organização para gestar/reavivar/catalisar ideias conservadoras de forma dispersa, sem contudo, alçar ataques deliberados e/ou ofensivos a grupos sociais específicos (Aparelhos Privados de Hegemonia).

A partir de onde, então, pode-se dizer que se trata de ‘práticas neofascistizantes’? Estas práticas são aquelas que:

- a) tem caráter antidemocrático no discurso/prática mesmo não negando a democracia enquanto procedimento (respeito à ‘formalidade democrática’);
- b) usam de figura/liderança carismático-populista;
- c) fazem readaptações ou reinterpretções das políticas fascistas tradicionais às novas circunstâncias;
- d) podem ser unipartidaristas;
- e) fazem emprego da violência (simbólica/psicológica/física);
- f) expressam, por trás da visão autoritária e discriminatória de mundo, descontentamentos legítimos ganhando adeptos;
- g) canalizam medos e as esperanças de certo grupo de pessoas para uma alternativa

- política que conduz ao aumento da discriminação;
- h) forjam, contraditoriamente, uma espécie de “nacionalismo pró-imperialista” (no caso de países de capitalismo dependente);
 - i) radicalizam a exploração de recursos humanos (gerencialismo atomizante) e recursos naturais (consideram o meio ambiente como ‘bobeiras ecológicas’);
 - j) apresentam grande salto qualitativo na dinâmica de exploração-opressão do capitalismo triturando liberdades democráticas, garantias sociais das classes baixas, identidades culturais (marcadores sociais da diferença: gênero/raça/sexualidade/etnia/deficiências etc);
 - k) se apresenta como um movimento de massas, no qual exerce papel decisivo uma pequena burguesia atingida pela crise mas também as parcelas do proletariado e do subproletariado marginalizadas por essa mesma crise (‘histeria da classe média’);
 - l) se aproveitam para germinar na ausência de saídas progressistas confiáveis e depositam na figura carismática (excêntrica - um louco) simpatia por soluções radicais;
 - m) buscam a resolução de conflitos por meio da guerra, especialmente, através da ‘guerra cultural’ criticando os meios de comunicação de massa (mesmo que os utilizem para disseminar suas ideias), preterindo-os face aos clássicos escritos patrióticos/nacionalistas como fonte de informação;
 - n) se organizam sociopoliticamente em ‘Organizações Neofascistas’. Estas estão preocupadas em ser movimentos contrarrevolucionários (geralmente a uma ameaça concreta e não a uma paranóia!) agem de forma legal/extralegal, divulgam mensagens com alguma característica fascista, cultuam

práticas fascizantes como ataque verbal ou físico (este último geralmente em bando) e até o assassinato de lideranças dos movimentos sociais motivados (ou não) por ódio.

Outro elemento que é possível afirmar é que algumas características do neofascismo se assemelham a ‘**retóricas de centro**’, ou de **vias “alternativas”** e que não se identificam com o espectro político clássico (esquerda-direita). Esta retórica:

- a) cultiva incoerências, mesclando bandeiras contrapostas, como o elitismo nacionalista-imperialista e socialismo;
- b) deposita esperança na ordem e no poder do Estado e despreza o liberal-parlamentarismo como também a oposição comunismo-capitalismo, de modo concomitante;
- c) pode estar presente em uma grande diversidade de grupos, demonstrando que devemos estar atentos aos possíveis grupos que aderem (ou podem aderir) facilmente ao discurso neofascista, isto incluiria um amplo espectro de possibilidades de grupos, identitários ou não, tais quais: pagãos, cristãos, ateus, “democratas”, autoritários, antifeministas, ecologismo transcendental, partidos políticos, o fenômeno *new age* etc.

Por fim, essas características, bem delimitadas, podem ajudar a pensar como organizar na luta antineofascista e elaborar as melhores táticas de enfrentamento nestes anos vindouros, que, de acordo com a conjuntura brasileira, ainda muito há o que desenrolar.

Referências

- AGUIAR, T. F. Entrevista com César Guimarães. *Revista Estudos Políticos*, Niterói, v. 9, n. 1, p. 5-19, 2018.
- ALMEIDA, F. C. A ‘nova’ extrema-direita: o caráter grupuscular das organizações neofascistas em Portugal e na Argentina. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 18, p. 187-208, 2012.
- ALMEIDA, F. C. A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre, RS. *Anais [...]*. Porto Alegre: IFCH-UFRGS, 2008. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/2yPBrS0>. Acesso em: 13 out. 2019.
- ALVES-CEPÊDA, V. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 40-74, 2018.
- ALVIM, M. Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana. *BBC Brasil*, São Paulo, 16 set. 2017. News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Governo eleito de extrema-direita tende a mirar “inimigo simbólico” e a criminalizar movimentos sociais, aponta debate de 6/11*. São Paulo: Adusp, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2M9N2Oy>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BARRETO LIMA, M. M. Novo fascismo; conhecida política. *Jornal GGN*, São Paulo, 17 fev. 2020. Artigos. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/novo-fascismo-conhecida-politica-por-martonio-montalverne-barreto-lima/>. Acesso em: 2 maio 2020.
- BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEINSTEIN, J. *Neofascismo e decadência: o planeta burguês à deriva*. Tradução: Partido Comunista Brasileiro (PCB). Florianópolis: Instituto de Estudos Latino-Americanos –IELA: Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2yJqZeA>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BOITO JÚNIOR, A. O neofascismo já é realidade no Brasil. *Brasil de Fato*, São Paulo, 19 mar. 2019. Opinião. Artigo. Disponível em: <https://bit.ly/2XLHqQ0>. Acesso em: 2 maio 2020.
- BOLSONARO: guia para o esclarecimento político sem fake news. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2ZLHguN>. Acesso em: 23 set. 2019.
- BORTONE, E. A. Frações do empresariado em campanha pró-bolsonaro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2019, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2019. MC19-58. Disponível em: <https://bit.ly/2ZQq6fC>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BRAY, M. *Antifa: o manual antifascista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BRITO, R. Q.; SOUSA, J. R.; SILVA, J. P. F. Fascismo e neofascismo: da tragédia à farsa tropical. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO, 8.; COLÓQUIO INTERNACIONAL GRAMSCI, 2., 2019, Marília, SP. *Anais [...]*. Marília: UNESP, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3cafSsQ>. Acesso em: 2 maio 2020.
- BULL, A. C. Neo-fascism. In: BOSWORTH, R. J. B. (ed.). *The oxford handbook of fascism*. New York: Oxford University Press, 2012. Doi: 10.1093/oxfordhb/9780199594788.013.0032.
- CALDEIRA-NETO, O. Frente nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 2, p. 20-36, 2016.
- CALIL, G. Dez notas iniciais depois da eleição de Bolsonaro. *Esquerda Online*, Rio de Janeiro, 29 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Ane9mC>. Acesso em: 2 maio 2020.
- CARNEIRO, H. S. Introdução: as raízes do neofascismo no século XXI. In: TROTSKY, L. *Como esmagar o fascismo*. São Paulo: Autonomia Libertária, 2018.
- CASTRO, R. F. Frente única antifascista: manifesto de fundação (2 de julho de 1933). *Marx e o Marxismo*, Niterói, v. 3, p. 333-338, 2016.

- CECCON, R. F.; MENEGHEL, S. N. Fascismo de gênero: controle, opressão e exclusão de mulheres. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 19, n. 46, p. 449-458, 2019.
- COCCO, G. *Entre cinismo e fascismo*: depois de junho de 2013, narrativas e constituição. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. v. 1.
- COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e miséria da razão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- CRUZ, N. R. A modernidade e a pós-modernidade como gênese do fascismo: o caso dos velhos e novos integralistas brasileiros. *Outros Tempos*, São Luiz, v. 13, n. 22, p. 26-48, 2016.
- DEMIER, F. A. Quando a burguesia opta pela força: considerações de Trotsky sobre bonapartismo e fascismo. *Esquerda Online*, Rio de Janeiro, 26 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Xg8wj6>. Acesso em: 2 maio 2020.
- DIAS, B.; DELUCHEY, J-F. Contra o fascismo, ocupar a República. *Justificando*: Mentas inquietas pensam Direito, São Paulo, 13 dez. 2016. Artigos. Disponível em: <https://bit.ly/2ZOCpsF>. Acesso em: 2 maio 2020.
- DORNELLES, J. R. W. Direitos humanos em tempos sombrios: barbárie, autoritarismo e fascismo do século XXI. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, Marília, v. 5 n. 2, p. 153-168, 2017.
- EVANGELISTA, J. E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FONSECA, F.; NEBOT, C. P. Las expresiones de la derecha en Brasil y en España: conservadurismo, neoliberalismo y fascismo. *Oxímora*: Revista Internacional de Ética y Política, Barcelona, v. 16, p. 63-84, 2019.
- FONTES, V. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. *Esquerda Online*, Rio de Janeiro, RJ, 28 jan. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3gAF2UZ>. Acesso em: 2 maio 2020.
- GALEÃO-SILVA, L. G. Adesão ao fascismo e preconceito sutil contra negros: um estudo com universitários na cidade de São Paulo. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, Guarulhos, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2016.
- GENTILE, F. O fascismo como modelo: incorporação da 'carta del lavoro' na via brasileira para o corporativismo autoritário da década de 1930. *Mediações*: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 19, p. 84-101, 2014.
- GENTILI, P. Brasil en el abismo del fascismo. El gobierno del miedo. *El País*, Rio de Janeiro, 8 out. 2018. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2018/10/08/contrapuntos/1538983816_661454.html. Contrapuntos. Acesso em: 2 maio 2020.
- GOUVEA, M. M. O perigo do fascismo no Brasil e as tarefas da esquerda. *Nuestra América XXI: Crisis y Economía Mundial*, Ciudad de Buenos Aires, p. 9 – 12, nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2XKFSFR>. Acesso em: 2 maio 2020.
- GRIFFIN, R. *Fascism*. Massachussets: Polity Press, 2018.
- GRIFFIN, R. Studying fascism in a postfascist age. From new consensus to new wave? *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, Oxford, v. 1, p. 1-17, 2012.
- HARNECKER, M. *Estratégia e tática*. São Paulo: expressão popular. 2012.
- HOVELER, R. C. O Conselho das Américas e as eleições de 2018 no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2019, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2019. MC19-57. Disponível em: <https://bit.ly/2TQWmv8>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- IPAR, E. Neoliberalismo y neoautoritarismo. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 55, n. 3, p. 825-84, 2018.
- KALLIS, A. When fascism became mainstream: the challenge of extremism in times of crisis. *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, Oxford, v. 4, p. 1-24, 2015.
- KNÖBEL, W. Reconfigurações da teoria social após a hegemonia ocidental. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 30, n. 8, p. 5-18, 2015.
- KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

- KROES, R. Signs of fascism rising. *Society*, Wellesley, v. 54, n. 3, p. 218-225, 2017.
- LEMOES, F. C. S.; REIS JÚNIOR, L. P. Algumas contribuições de Deleuze para pensar a sociedade de controle e o microfascismo. *Poiesis: Revista de Filosofia*, Montes Claros, v. 13, n. 1, p. 72-79, 2016.
- MARQUES, R. M. Brasil: Direita volver! *Revista da Sociedade Brasileira Economia Política*, São Paulo, v. 52, p. 10-38, 2019.
- MARTINEZ, V. C. O bolsonarismo é fascista. *Jus Navigandi*, São Paulo, v. 1, p. 1, 2020.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MATTOS, M. B. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro. In: DEMIER, F.; CISLAGHI, J. F. (org.). *O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 17-45.
- MAYNARD, D. C. S. *História, neofascismos e intolerância: reflexões sobre o tempo presente*. São Paulo: Luminária Academia, 2012.
- MAYOS, G. El problema sujeto-objeto en Descartes, prisma de la modernidad. *Pensamiento: Revista de Investigación e Información Filosófica*, Madrid, v. 49, n. 195, p. 371-390, 1993.
- MELO, D. B. As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea: notas de pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2017, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3eolqQW>. Acesso em: 2 maio 2020.
- MELO, D. Bolsonaro, fascismo e neofascismo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2019, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2019. MC19-56. Disponível em: <https://bit.ly/2ZKpxns>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- MENDONÇA, S. R. A atualidade - quase sempre omitida - do marxismo: reflexões sobre história e interdisciplinaridade. *Trabalho Necessário*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2004.
- MIGUEL, L. F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.
- MORAES, R. C. C. Neoliberalismo e neofascismo é lo mismo pero no é igual? *Crítica Marxista*, São Carlos, v. 1, t. 7, p. 121-126, 1998.
- MORAES, W. Pra quem sabe ler, um pingo é letra. *Le Monde Diplomatique (Brasil)*, São Paulo, 23 out. 2018. Acervo Online/Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3ch47B0>. Acesso em: 2 maio 2020.
- MOURA, F. A “ideologia de gênero” e a guerra cultural do bolsonarismo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO, 2019, Niterói, RJ. *Anais [...]*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2019. MC19-59. Disponível em: <https://bit.ly/36GVfU0>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- MUNHOZ, S. J. Imperialismo e anti-imperialismo, comunismo e anticomunismo durante a Guerra Fria. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, Florianópolis, v. 23, n. 36, p. 452-469, 2016.
- OLIVEIRA, P. C. As origens e o desenvolvimento do Hate Rock: uma breve história política dos neofascismos por meio de sua música. *Boletim Historiar*, Florianópolis, n. 19, p. 66-83, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2MdxqKe>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- PACHUKANIS, E. B. *Teoria geral do direito e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- PAXTON, R. O. *The anatomy of fascism*. New York, NY: Penguin Books, 2005.
- PEREIRA, G. O. Algumas considerações sobre as pesquisas: o fascismo como tendência do capital-imperialista na sua fase de financeirização. *Esquerda Online*, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/36HOKjF>. Acesso em: 2 maio 2020.
- POGGI, T. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América (1970-2010)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

- POSTONE, M. Historia e indefensió: movilizació de masas y formas contemporáneas de anticapitalismo. *Encrucijadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales*, Salamanca, n. 10, p. 1-23, 2015.
- POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- REBUÁ, E. Ensaio sobre a fascistização à brasileira: entre conformismo e experiência. *Revista Poder & Cultura*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 106-129, 2019.
- ROBERTS, M. *The long depression: how it happened, why it happened, and what happens next*. Chicago: Haymarket Books, 2016.
- RODRIGUES, B. J. Paradigmas nacionalistas e concepções acerca da educação no Brasil: cientificismo, nacionalismo e ciências normativas para a ordem e o progresso. *Crítica Educativa*, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 92-104, 2018.
- ROSA, H. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.
- SACCOMANI, E. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 2016. p. 466-475.
- SAITA, H. S.; PINA, P. C. *Os movimentos antivacinais e a recusa das vacinas: uma revisão integrativa*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/zMV09. Acesso em: 10 ago. 2019.
- SALES, D. W. M.; ROCHA, J. A. Fascismo de Estado e microfascismos. *Revista Ideação*, Feira de Santana, BA, v. 1, n. 39, p. 243-259, 2019.
- SCARTEZINI, N. A fascistização da indignação: as manifestações de 2015 no Brasil. *Cadernos de Campo*, Marília, v. 20, p. 183-206, 2016.
- SCHLESENER, A. H.; MEZAROBBA, G.; ALMEIDA, T. G. Reflexões sobre o fascismo e a violência no Brasil: a situação das classes trabalhadoras no momento de crise orgânica do capital. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 11, n. 2, p. 25-35, 2019.
- SEMERARO, G. La restaurazione in Brasile: un fascismo neoliberalista. *Crítica Marxista*, Roma, v. 1, p. 31-41, 2019.
- SILVA, M. R.; PIRES, G. L.; PEREIRA, R. S. Cães danados do fascismo, neoliberalismo e as questões sociais: os rastros de lama do Estado pós-democrático. *Motrivivência*, Aracaju, SE, v. 31, n. 57, p. 1-16, 2018.
- SPAGNOLO, C. Fascismo. In: LIGUIORI, G.; VOZA, P. *Dicionário Gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- TIBURI, M. *Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. São Paulo: Record, 2015.
- TOMIĆ, Đ. On the ‘right’ side? The radical right in the Post-Yugoslav area and the Serbian case. *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, Oxford, v. 2, p. 94-114, 2013.
- VANDERLEY, L. G. Do cinismo ao fascismo: o gozo. *Psicologias em Reflexão*, Fortaleza, v. 1, p. 83, 2017.
- VIANNA, M. A. G. Aspectos do fascismo no século XX. *Perseu: História, Memória e Política*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 82-97, 2018.
- WOLFF, E. C. Casa Pound Italia: ‘back to believing: the struggle continues’. *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, Oxford, v. 8, p. 61-88, 2019.

Recebido em: 13 nov. 2019

Aceito em: 4 abr. 2020

